

H. G. 12059

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 73

Col. 30

**A notavel sobrevivencia
da marinha mercante britanica**

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

À notavel sobrevivencia da marinha mercante britanica

Ha já mais de dois mezes que Mr. Lloyd George fez um discurso de sensação sobre as perdas da marinha mercante britanica. Tinha alegado Berlim, e as principais autoridades navais alemãs corroboraram a asserção, que a Gran Bretanha sofria por mez uma perda liquida de 500:000 toneladas devido á actividade dos submarinos alemães. O primeiro ministro da Gran Bretanha retorquiu que a perda liquida não excedia a 250.000 toneladas por mez. Era tão acentuada a divergencia que chegou a parecer que o resultado da guerra dependeria da falta de exactidão ou por parte do ministro britanico ou do Chanceler alemão. As nações neutrais reconheciam que de parte a parte existiam motivos serios para optimismo, e esperaram que novos factos viessem determinar de que lado estava a verdade. Perdendo a Gran Bretanha meio milhão de toneladas por mez, o resultado não podia tardar a fazer-se sentir.

Os calculos alemães baseiam-se na conjectura e na suposição. O comandante dum submarino culculá segundo os seus desejos a tonelagem dum bareo que mal chegou a enxergar, e

não podendo demorar-se para se certificar do efeito do seu ataque, também o dá em conformidade com os seus desejos. Por outro lado não é natural que as autoridades navais alemãs ao informar um publico ansioso, se restrinjam a um calculo consciencioso sobre a rapidez com que a Inglaterra pode restaurar as suas perdas. Porém publicam-se com regularidade em Inglaterra certas tabelas que se podem aceitar como sendo a expressão da verdade, pois seria facil descobrir qualquer discrepancia nelas contida, e os proprios inglezes seriam os primeiros a reclamar.

Nos relatorios semanais ou mensais dos navios que entram e que saem dos portos britannicos, temos uma classe dessas estatisticas. E' extensa a categoria; não se pode aceitar que todos os navios nelas inclusos contribuam de facto ao aprovisionamento de generos alimenticios ou de materias primas da Gran Bretanha. Porém é muito instrutiva uma comparação dos algarismos semanais correspondentes ao periodo que vai desde que a Alemanha estabeleceu uma zona de guerra. A proporção dos navios que se empregam em determinado serviço deve-se manter aproximadamente; é notavel que desde janeiro o numero de saidas e entradas dos portos britannicos tem tido um aumento constante.

Na semana que terminou em 5 de fevereiro, o numero de entradas nos portos do Reino Unido foi de 2.280; na terceira semana de outubro — citamos esta unicamente por motivo de

ser a ultima cuja estatistica temos presente — entraram nos mesmos portos 2.648 navios. Durante os primeiros cinco mezes, que foram os mais desastrosos desde que começou a campanha submarina, passa o numero de tais navios de 2.280 por semana a 2.800 (média durante o mez de julho). Esta notavel força reparadora não parece afrouxar com o prolongamento da campanha. No mez de agosto a média semanal passava de 2.600; em setembro passava de 2.700, e desde outubro até ao presente tem andado por 2.500. Na ultima semana até á data, o movimento foi de 2.648, e isto apesar de se terem afundado nada menos de 630 navios britânicos desde o principio de fevereiro e de se terem reduzido a um pequeno numero os navios das importantes marinhas mercantes dinamarquezas, holandezas e scandinavas.

Estes Algarismos são tão animadores para o inglez como inquietadores para o alemão. Ao observador neutral revelam uma força de reacção com que os alemães deixaram de contar. Os meios pelo qual se atingem tais resultados não constituem nenhum segredo, ainda que os ministros britannicos acham conveniente delinear só a traços largos os seus métodos. Por exemplo, Mr. Lloyd George confessou que a perda liquida de navios mercantes britannicos até ao fim de abril — o que corresponde ao peor periodo da campanha — foi de 500.000 toneladas. Como de mez para mez os afundamentos tem sido em menor numero e que se tem adquirido mais desde então, a perda liquida até á data está

calculada pelos peritos como não excedendo a um milhão de toneladas, isto é, menos da decima parte do total da tonelagem liquida da Gran Bretanha. Não havendo aumento na proporção de afundamentos e construção, calcula-se que no fim do ano a perda liquida britânica estará em 1.800.000 toneladas.

Ora estes algarismos, que deduzimos de dados incontestáveis, estão muito abaixo dos calculos alemães, e não representam para a Inglaterra uma importancia vital por causa da enorme produção interna de generos alimenticios. Além disso estão sujeitos a modificações favoráveis para a Inglaterra. Por um lado a America prepara-se para cooperar em vasta escala no exterminio dos submarinos. Por outro lado a construção ou a compra de navios faz-se mais rapidamente do que se tinha antecipado. Vem oficialmente declarado que pela compra ou pela construção a Gran Bretanha acrescentará no decurso do ano 1.900.000 toneladas á sua marinha mercante. Porém as perdas mais leves em setembro (18 navios por semana) e em outubro (18 por semana) comparadas com as dos cinco primeiros mezes, reduziram materialmente a falta, emquanto que a produção de navios aumentou muitissimo. Basta acrescentar que, pelo embargo em artigos de luxo, a melhor organização dos meios de carregar e descarregar, e a restrição de comercio com certos paizes, tem-se efectuado uma economia de pelo menos 25 por cento, e que o Japão e os Estados Unidos estão construindo navios com uma ra-

pidez extraordinaria, começamos a compreender então porque é que a Inglaterra se sente tão segura. Este ano poderá dar uma redução líquida de 10 por cento na sua tonelagem. Porém ela pode encarar essa perda sem receio. Começará o ano de 1918 com um total de tonelagem líquida pouco inferior a 11 milhões de toneladas, com uma vida nacional bem ordenada, havendo menos luxo e menos desperdício, e com o apoio formidável da America. Assim mesmo ficar-lhe-ha ainda uma larga margem de artigos de importação que poderá sacrificar sem perigo para os seus fornecimentos de primeira necessidade.



